




CERVICITE: O NÍVEL DE CONHECIMENTO DO INTERNO DE MEDICINA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA DO OESTE DO PARANÁ

 <https://doi.org/10.56238/levv15n41-087>

Data de submissão: 23/09/2024

Data de publicação: 23/10/2024

Nathaly Trento Machado

Acadêmica de Medicina
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Adriano Luiz Possobon

Mestre
Médico ginecologista e obstetra
Docente do curso de Medicina
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Gabriel Anizeli Favarão Testa

Médico generalista
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

Giulia Pietreski Padilha

Acadêmica de Medicina
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

RESUMO

A cervicite é uma inflamação na cérvix uterina ocasionada por agentes sexualmente transmissíveis, predominantemente pela *Chlamydia trachomatis* e *Neisseria gonorrhoeae*, essa condição costuma ser assintomática ou por vezes, manifesta-se por sintomas inespecíficos que podem não chamar a atenção daquele que não está devidamente instruído a identificá-los. Esta falta de diagnóstico é extremamente problemática, uma vez que não tratada, a paciente pode evoluir com complicações secundárias como: DIP (doença inflamatória pélvica) ou outras desordens como endometrites, infertilidade e HIV, pois o trato genital inferior da mulher torna-se muito mais suscetível a outras infecções. Por esse fator, o presente trabalho buscou avaliar o nível de conhecimento dos egressos de medicina (internos) de uma instituição de ensino superior privada do oeste do paraná em relação a cervicite, destacando a importância de uma formação médica adequada e abrangente

Palavras-chave: Cervicite. Colpocitológico. Internos. Tratamento. Complicações.

1 INTRODUÇÃO

A cervicite é uma inflamação no colo uterino ocasionada por agentes sexualmente transmissíveis, prevalentemente pela *Chlamydia trachomatis* e *Neisseria gonorrhoeae*, essa condição geralmente é assintomática ou manifesta-se por sintomas inespecíficos⁴ que podem passar despercebidos aos olhos daquele que não está bem treinado para identificá-los, neste caso a paciente pode evoluir para uma DIP (doença inflamatória pélvica) ou outras desordens como endometrites, celulites e até mesmo infecção pelo HIV (FREITAS et al, 2008).

Diante disso, verificou-se a necessidade de avaliar os acadêmicos de medicina do Centro Universitário FAG, com o objetivo geral de identificar se a disciplina de ginecologia do curso tem sido satisfatória na formação de médicos capazes de identificar e tratar uma cervicite, evitando assim, uma possível má evolução do quadro infeccioso. Desta forma, o presente artigo buscou investigar a familiaridade dos internos com os critérios diagnósticos, classificação e tratamento da patologia, avaliar o conhecimento deles sobre as principais causas e fatores de risco associados a este tipo de infecção, além de verificar se eles estão cientes das implicações clínicas e possíveis adversidades relacionadas à uma inflamação cervical não tratada.

O esperado é que ao final da pesquisa, possamos demonstrar a efetividade da disciplina de ginecologia do Centro FAG na capacitação dos egressos de medicina em identificar e tratar uma cervicite.

2 REFERENCIAL TEÓRICO OU REVISÃO DE LITERATURA

Em ambulatorios, a queixa ginecológica mais frequente entre as mulheres é a leucorreia (TAVARES et al, 2007), sendo essa uma condição muitas vezes benigna, entretanto, pode ser um sinal de alguma patologia na cérvix uterina, por isto, merece ser investigada. O colo do útero é revestido por dois epitélios: escamoso e colunar, sendo este último o mais afetado por patógenos sexualmente transmissíveis como *Chlamydia trachomatis* e *Neisseria gonorrhoeae*, prevalentemente relacionados ao desenvolvimento da cervicite (ORTIZ-DE LA TABLA et al, 2019), uma afecção que pode manter-se assintomática ou silenciosa provocando apenas sintomas inespecíficos, fator que contribui para o subdiagnóstico e consequentes complicações da doença.

Nas consultas ginecológicas, há dois exames que são realizados com frequência: especular e coleta de citopatológico do colo do útero (colpocitológico). Segundo alguns estudos mostraram, é possível avaliar por meio desses a presença e a evolução de inflamações do trato genital inferior da mulher, por vezes, estes exames também colaboram com a identificação dos agentes causais (GONÇALVES et al, 2009).

Dito isso, entramos efetivamente em nosso tema, uma vez que na instituição de ensino superior em que ocorrerá a pesquisa, estes exames são realizados, a maior parte, pelos internos do curso de

medicina o que os torna responsáveis por reconhecer um quadro de cervicite e informar ao preceptor do ambulatório para que ele possa estabelecer o quanto antes a conduta terapêutica mais adequada à paciente. O diagnóstico e tratamento precoce são importantes fatores vinculados a impedir a evolução da doença para complicações, tais como DIP, aderências pélvicas, infertilidade, gravidez ectópica e consequentemente auxiliar na redução de gastos públicos em saúde, visto que, no Brasil milhões de reais são anualmente investidos em antibióticos, cirurgias e internamentos para tratar essas enfermidades secundárias a infecção cervical (GONÇALVES et al, 2009).

O exame clínico com espécuro, pode ser realizado em mulheres de todas as idades, sendo útil para a inspeção da vagina e do colo uterino, além disso, é através do especular que irá se suceder o colpocitológico (FREITAS et al, 2008), exame utilizado sobretudo para o rastreio de câncer de colo do útero em mulheres com idade superior a 24 anos, mas como citado anteriormente, mesmo não sendo sua principal função, estes exames podem auxiliar no diagnóstico de outras patologias e microrganismos responsáveis por desencadear a cervicite.

Apesar de a cervicite apresentar-se de forma assintomática em 70% a 80% das vezes, quando presentes, os sintomas são muito semelhantes aos de uma vaginite, como dispareunia, prurido, disúria e ao exame clínico, o que se espera encontrar diante deste quadro são o corrimento vaginal mucopurulento, sangramento ao toque, colo edematoso, friável e com dor à mobilização (CARVALHO et al, 2021).

2.1 TRATAMENTO DA CERVICITE

Concluído o diagnóstico clínico, o recomendado é que se dê início ao tratamento, seja ele empírico ou direcionado, para a escolha de qual linha seguir, faz-se necessário levar em consideração os seguintes fatores: idade, epidemiologia e disponibilidade de testes rápidos capazes de identificar o agente etiológico (ORTIZ-DE LA TABLA et al, 2019).

2.1.1 Tratamento Empírico

Então, em mulheres consideradas de alto risco, isto é, menores de 25 anos, com novo ou múltiplos parceiros, relações sexuais desprotegidas e/ou parceiro diagnosticado com IST, realizou procedimento com quebra de barreira cervical recentemente e outros (FREITAS et al, 2008), o correto é realizar o tratamento empírico, como os principais patógenos relacionados com os casos de infecção da cérvix uterina são *C. trachomatis* e *N. gonorrhoeae*, as medicações utilizadas devem cobrir os dois.

2.1.2 Tratamento Da Cervicite Por Clamídia

Administra Azitromicina 1g, via oral, dose única ou Doxiciclina 100 mg, via oral, duas vezes ao dia por sete dias (proscrito em gestantes).

2.1.3 Tratamento Da Cervicite Por Gonorreia

Em infecções não complicadas recomenda-se tratar com Ceftriaxona 500 mg, intramuscular, dose única em associação com Azitromicina 1g, via oral, dose única.

2.1.4 Tratamento Da Cervicite Por Gonorreia Disseminada

Utilizar Ceftriaxona 1g, intramuscular ou intravenoso, uma vez ao dia por pelo menos sete dias e associada a Azitromicina 1g, via oral, dose única.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, campus de Cascavel-PR, após a aprovação do comitê de ética em pesquisa número 6.335.633/2023. Utilizou-se procedimentos qualitativos, enquadrando a pesquisa no método descritivo. Trata-se de um levantamento, com estudo campo e abordagem indutiva.

A coleta de dados se deu entre os meses de julho a novembro de 2023, através de bibliografias, artigos e um questionário estruturado com base na escala de Likert de cinco pontos elaborada pelos pesquisadores, que foi aplicado presencialmente aos internos de medicina do Centro FAG, isto é, aqueles que estavam cursando o 90, 100, 110 ou 120 período e que se sentiram confortáveis em respondê-lo.

Os pesquisadores também se encarregaram de elaborar e coletar as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) referente à pesquisa, bem como tranquilizar os participantes, garantindo que todas as suas informações pessoais seriam mantidas em sigilo, enquanto os outros dados coletados estariam apresentados de forma anônima no presente artigo.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO

Tabela 1 - Descrição do período do curso e se já cursou o internato de ginecologia entre estudantes de medicina participantes da pesquisa (n=107)

Período do curso	n	%
9º	33	30,8%
10º	33	30,8%
11º	24	22,4%
12º	17	15,9%
Já cursou (integralmente ou parcialmente) o internato de Ginecologia?		
Não	25	23,4%
Sim	82	76,6%

Fonte: Autores (2024)

Analisando a tabela 1, nota-se que os questionários foram respondidos por 107 alunos, tendo estes em sua maioria (76,6%), já cursado o ciclo de ginecologia no internato, colaborando assim, com a maior qualidade nos resultados da pesquisa.

Tabela 2 - Descrição das respostas dos estudantes de medicina participantes da pesquisa

Qual a importância do conteúdo apresentado nas aulas teóricas da disciplina de ginecologia para o seu aprendizado	n	%
Muito importante	64	59,8%
Importante	28	26,2%
Moderadamente importante	12	11,2%
Pouco importante	2	1,9%
Nada importante	1	0,9%
Qual foi a utilidade das aulas práticas da disciplina de ginecologia para o seu aprendizado?		
Muito útil	64	59,8%
Útil	25	23,4%
Moderadamente útil	11	10,3%
Pouco útil	7	6,5%
Nada útil	0	0%
Qual o nível de conhecimento em relação ao exame colpocitológico (preventivo)?		
Alto Nível de Conhecimento	11	10,3%
Adequado Nível de Conhecimento	69	64,5%
Moderado Nível de Conhecimento	22	20,6%
Baixo Nível de Conhecimento	4	3,7%
Nenhum conhecimento	1	0,9%
Como obteve conhecimento em relação ao exame colpocitológico?		
Aula Teórica	45	42,1%
Aula Prática	72	67,3%
Bibliografia	23	21,5%
Internet	1	0,9%
Outro	4	3,7%
Durante o internato de ginecologia, com que frequência você costuma coletar o exame colpocitológico		
Muito frequentemente	9	8,4%
Frequentemente	32	29,9%
Ocasionalmente	44	41,1%
Raramente	16	15%
Nunca	6	5,6%
Tem conhecimento sobre o que é cervicite?		
Sim	105	98,1%
Não	2	1,9%
Como obteve conhecimento em relação a cervicite?		
Aula Teórica	88	82,2%
Aula Prática	24	22,4%
Bibliografia	11	10,3%
Internet	7	6,5%
Outro	1	0,9%
Qual o nível de conhecimento em relação aos fatores de risco e a etiologia da cervicite?		
Alto Nível de Conhecimento	11	10,3%
Adequado Nível de Conhecimento	55	51,4%
Moderado Nível de Conhecimento	33	30,8%
Baixo Nível de Conhecimento	7	6,5%
Nenhum conhecimento	1	0,9%

Fonte: Autores (2024)

A tabela 2 representa a autopercepção de cada um destes alunos em relação as questões a que foram submetidos. Vale ressaltar que em alguns dos questionários, houveram mais de uma resposta

para as questões que dizem respeito a como obtiveram o conhecimento em relação ao exame colpocitológico (preventivo) e à cervicite, totalizando um número de respostas maior do que 107.

Seguindo a análise sobre a tabela 2, quando questionados sobre a importância do conteúdo ministrado nas aulas teóricas para o seu aprendizado, apenas 1 interno não considerou importante e 2 qualificaram como de pouca importância. Em relação a utilidade das aulas práticas no aprendizado, 7 internos disseram ter pouca utilidade. Entretanto, nas duas questões mais de 50% dos alunos participantes da pesquisa, julgaram as aulas muito importantes e muito úteis, evidenciando que o conteúdo trabalhado em sala de aula e no dia a dia dos alunos, dentro das UBS e hospitais, tem sido suficiente para a construção de um bom aprendizado.

Quanto ao exame colpocitológico, 64,5% dos internos consideraram ter adequado nível de conhecimento sobre este exame, no que se refere a como foi adquirido este conhecimento, a maioria relatou ter sido através das aulas práticas (67,3%), seguido por aulas teóricas com 42,1% das respostas e bibliografia com 21,5%. Estes dados destacam a importância que os estágios possuem no ensino do estudante de medicina, contudo, apenas 29,9% dos acadêmicos afirmaram realizar a coleta do colpocitológico com frequência durante os atendimentos no ciclo de ginecologia, revelando que esta prática deve ser mais incentivada pelos preceptores.

Interrogados sobre a compreensão do que é cervicite, 98,1% dos alunos disseram saber do que se tratava, dentre estes, 82,2% relataram ter aprendido sobre este quadro infeccioso durante as aulas teóricas e no que concerne a autopercepção do nível de conhecimento desses internos referente a este quadro, obteve-se apenas 8 respostas negativas, isto é, baixo ou nenhum conhecimento sobre o assunto, enquanto mais de 80% deles classificaram-se em um nível moderado ou adequado de conhecimento. São números promissores na direção de capacitar estes acadêmicos para diagnosticar e tratar uma inflamação na cérvix uterina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que, como já descrito anteriormente, a cervicite é subdiagnosticada pelas suas manifestações inespecíficas e até mesmo assintomática, torna-se difícil de ser vista rotineiramente nos ambulatórios em que os internos estão estagiando. Todavia, com base na coleta de dados realizada, ficou evidente que é na prática que eles aprendem a realizar a inspeção da paciente e a coletar os exames diagnósticos, além de se familiarizarem com os esquemas de tratamento recomendados, somado a isso, os dados demonstraram, que conteúdo teórico ministrado fornece uma boa base para os acadêmicos em relação a esta patologia.

Dito isso, os números apresentados pela pesquisa, nos leva a concluir que a disciplina de ginecologia do curso de medicina do Centro Universitário FAG está sendo satisfatória na formação de



médicos generalistas aptos a reconhecer e tratar uma cervicite, bem como os seus desencadeantes e possíveis complicações.

Pensando em aperfeiçoar ainda mais a transmissão do ensino, uma medida possível de ser implementada seria aumentar a regularidade com que os docentes executam discussões de caso, de forma a interligar as aulas práticas e teóricas, além de instigar os alunos a buscarem informações para além da sala de aula. Ademais, os internos devem ser incentivados por seus preceptores a examinar as pacientes e coletar o exame colpocitológico com uma maior frequência. Assim, espera-se que a disciplina de ginecologia e o curso de medicina continuem prosperando para o melhor alinhamento profissional dos futuros médicos.



REFERÊNCIAS

- CARVALHO, N. S. DE ET AL. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecções que causam corrimento vaginal. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 30, n. spe1, 2021.
- FREITAS, F. ET AL. *Rotinas em ginecologia*. [s.l.] Porto Alegre Artmed Editora, 2008.
- GONÇALVES, A. K. DA S. ET AL. Rastreamento universal para cervicite clamidiana: uma revisão sistemática. *Femina*, out. 2009
- ORTIZ-DE LA TABLA, V.; GUTIÉRREZ, F. Cervicitis: etiología, diagnóstico y tratamiento. *Enfermedades Infecciosas y Microbiología Clínica*, v. 37, n. 10, p. 661–667, 2019.
- TAVARES, T. G. ET AL. Cervicites e seus agentes na rotina dos exames colpocitológicos. *Brazilian Journal of Sexually Transmitted Diseases*, v. 19, n. 1, p. 30–34, 1 mar. 2007.